

RESGATE HISTÓRICO DOS POVOS TREMEMBÉ¹

Maria Souza de ARAÚJO²

RESUMO

O texto ora apresentado traz um breve resgate da história do povo Tremembé. Nosso objetivo com esse trabalho é compreender as origens do povo Tremembé de Itarema-CE. Para tanto, adotamos uma abordagem quali-quantitativa, por meio de levantamento de literatura, entrevistas e tabulação de dados da população indígena Tremembé residente nos municípios de Itarema e Acaraú no Ceará.

PALAVRAS-CHAVE: Ceará, Indígena, Tremembé.

INTRODUÇÃO

O território cearense antes da ocupação colonial era habitado por diversos grupos indígenas. Borges (2010, p.17) nos fala que dentre “[...] os grupos indígenas que ocupavam uma grande porção da Costa-Leste-Oeste, uma parte deles [...] chamados de “tremembés” [...] mantiveram autonomia em seu território, mesmo perante a constante abordagem europeia [...]”. A presença dos Tremembé no Ceará remonta à colonização, este povo vivia em constante movimento migratório indo do rio Gurupi no Maranhão, atravessando à costa litorânea piauiense e cearense, chegando ao Rio Grande do Norte.

No século XVIII os Tremembé foram aldeados por um grupo de missionários na foz do rio Aracati-Mirim. Mais tarde, vieram ocupar a atual região de Almofala, hoje Distrito de Itarema e considerado núcleo central dos Tremembé no Ceará. Em virtude, sobretudo de fenômenos climáticos muitos desses povos migraram para o litoral e para o interior de Itarema. Outros foram para os municípios de Acaraú e Itapipoca onde fixaram residência até os dias atuais. Posto isto, é que buscamos entender as origens desse povo e no âmbito geral dentro de nossa pesquisa compreender sua contribuição na formação socioespacial do Ceará.

METODOLOGIA

¹Este artigo é fruto da nossa pesquisa de Mestrado Acadêmico em Geografia que está sendo desenvolvida na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), onde estamos estudando a contribuição indígena Tremembé na Formação Socioespacial do Ceará com orientação do professor Dr. Luiz Cruz Lima.

²Mestranda da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Ceará (UEVA). E-mail: maria-souza1987@hotmail.com.

A construção teórico-metodológica norteadora de nossa pesquisa é o conceito de formação socioespacial. Tomamos para análise a formação do Ceará, buscando compreender as origens da formação desse território, considerando a abordagem de Santos (1999, p.8) para quem:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Entendermos que a formação socioespacial nos permite apreender a identidade e a relação de pertencimento dos agentes sociais produtores do espaço no âmbito de nosso recorte espacial. Nosso arcabouço teórico para explicar a formação socioespacial cearense está sendo fundamentado no pensamento de Milton Santos. Dessa forma percebemos o espaço enquanto uma instância social que nos revela as nuances presentes na sociedade.

Para alcançar os objetivos propostos em nossa pesquisa, trabalhamos com dados qualitativos e quantitativos do povo indígena Tremembé. Esses dados foram coletados junto às aldeias indígenas através de entrevistas e formulários e sistematizados em forma de gráficos e tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A história do Brasil, bem como da gestação de seu povo nos é contada a partir de uma perspectiva colonizadora. As grandes navegações do século XVI escreveram uma história sofrida na vida dos povos originários que aqui viviam. Os relatos dos primeiros encontros entre os colonizadores e os originários dão conta que aqui habitavam diversos grupos indígenas que viviam livremente na terra, que não pertencia a um dono específico, era de uso comunal da tribo, que retirava dela apenas aquilo de que necessitava para sua sobrevivência, ao contrário do colonizador que chegou em busca de riquezas preciosas e tornaram os nativos escravos de seus desejos.

Em 1500, chegaram “[...] navegantes, barbudos, hisurtos, fedentos de meses de navegação oceânica, escalavrados de feridas do escorbuto, olhavam em espanto o que parecia ser a inocência e a beleza encarnadas” (RIBEIRO, 1995, p. 44). A inocência e a beleza encarnadas caracterizam os índios que “[...] vestidos da nudez emplumada, esplêndidos de vigor e de beleza, tapando as ventas contra a pestilência, viam, ainda mais pasmos, aqueles seres que saiam do mar” (Op. Cit, p. 44). Desse modo, o colonizador iniciava a invasão aos territórios indígenas, estes por sua vez incitaram vários movimentos de resistência contra a presença do intruso. O território sempre foi um objeto cobiçado pelo homem, para este o poder se expressa nas grandes extensões territoriais que um homem pode ter como suas, já para os indígenas o território é algo simbólico. Pinheiro (2004, p. 18) nos esclarece a importância do território para os índios e para os colonizadores.

[...] o território tinha significado diferenciado para os povos indígenas e para os colonos. Para estes últimos, a terra era sobretudo um meio de produção, enquanto que para os povos indígenas, além de ser um dos meios que lhes garantia a sobrevivência, o território constituía-se em um valor simbólico, através do qual se definia a própria identidade.

Para o indígena, o território é o lugar do habitat, do morar, onde os seus antepassados viveram e continuam a viver, é o lugar onde ocorrem as manifestações culturais e as tradições familiares. Nesse contexto histórico encontram-se os Tremembé que, segundo Aragão (1996, p.102), procedem da costa litorânea Maranhense, migrando até o litoral cearense para a atual cidade de Camocim, depois para as terras do Rio Coreaú e posteriormente para a Bacia do Acaraú, de onde alcançaram o Apodi no Rio Grande do Norte.

A denominação *Tremembé* surgiu no século XVII, em meio à expansão territorial e a “[...] guerra aos estrangeiros [...]”, (BORGES, 2010), protagonizada pelos franceses e holandeses, **quando estes tentavam** ocupar o norte do litoral cearense. **Nesse contexto, emergem** os índios Tremembé mostrando-se insatisfeitos com a presença de intrusos em seu território. Segundo Borges (2010, p.73),

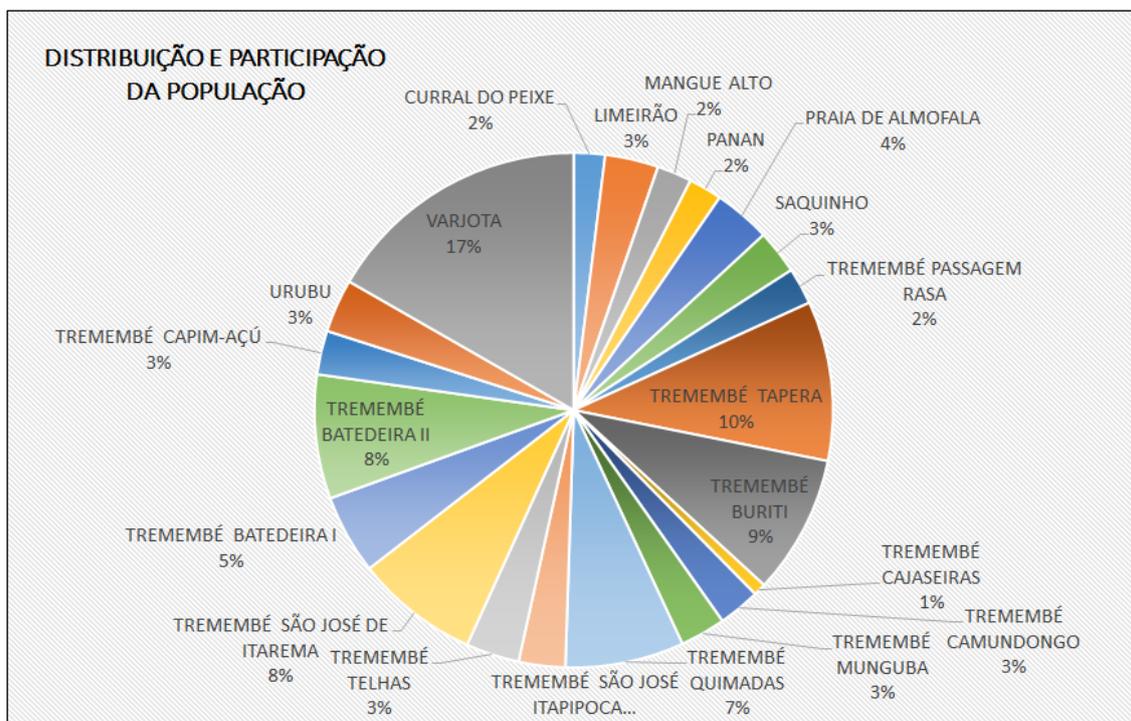
[...] a palavra *tremembé* corresponderia à junção de dois vocábulos, um vindo do espanhol/português, *tremedal*, e outro tupi *mbáe* [...], que juntos formaram o vocábulo *tremembé*, para designar os grupos nativos que viviam na costa norte brasileira e que eram conhecidos por viverem próximos e se esconderem nos manguezais, nas áreas de pântanos. **Antes de receberem a denominação Tremembé este povo era classificado como Tapuia (grifo da autora).**

Este povo era considerado feroz e hostil ante a presença do branco colonizador, também eram excelentes nadadores e caçadores, conhecidos por atacar tubarões com instrumentos pontiagudos e em seguida trazê-los a terra para retirar-lhes os dentes e colocarem em suas flechas.

No início da colonização se envolveram em permanentes confrontos contra os invasores, ficando conhecidos como “índios inimigos e indignos de confiança” segundo relata Messenger (1995, p. 27). Os Tremembé resistiram bravamente com sua força e coragem, lutaram no passado e continuam lutando nos dias atuais contra a invasão, no primeiro momento do colonizador europeu que veio para aculturá-los e exterminá-los da história. Na atualidade, este povo luta contra a presença dos grandes empreendimentos que chegam em seus territórios para usurpar suas terras.

Assim, percebemos que não havia cordialidade entre os Tremembé e os portugueses. Confirmando esse pensamento, o mesmo autor continua relatando que “[...] desde o litoral do Ceará até o Maranhão os Tremembé fizeram seguidos ataques às fortificações que os portugueses erigiram ao longo dessa costa (Op cit, p.27).

Até a segunda metade do século XVII, os índios Tremembé eram um povo nômade, sem raízes fixas, quando foram aldeados pelos jesuítas. Estes povos enfrentaram muitas batalhas para permanecerem vivos. Não dispoñdo das armas do inimigo externo, estrategicamente tomaram a decisão de recuar e ficarem em silêncio, aguardando se arremetarem novas forças a seu favor. Com os movimentos sociais e políticos da atualidade, nas últimas décadas soerguem-se, resistindo e lutando para terem suas terras e seus direitos garantidos, tendo como atividades principais a pesca, a caça, agricultura de subsistência e de programas sociais do governo federal. Em fevereiro de 2014, um de seus líderes afirmou: “O povo Tremembé teve um tempo que pra viver teve que se calar, hoje pra viver tem que falar”. Com as novas conquistas e seguindo sua organização sociopolítica, estes povos vivem em comunidades indígenas distribuídas em todo o município de Itarema e também no sertão de Acaraú e Itapipoca, conforme observamos no gráfico.



No Ceará o núcleo central dos Tremembé é Almofala situado em Itarema-CE. Segundo Nascimento (2001) estes são os povos mais antigos do Ceará e também os mais conhecidos pelos pesquisadores e pela imprensa cearense. Em 1702 os índios Tremembé foram alocados, por força dos missionários no aldeamento Aracati-Mirim, assistidos pelo padre José Soares de Moraes (Aragão, 1994, p. 103), mais tarde no ano de 1766 foram realdeados em Almofala.

O antigo aldeamento de Almofala, também conhecido como “Terra da Santa” ou “Terra do Aldeamento” onde está localizada a Igreja de Nossa Senhora da Conceição que, segundo os

Tremembé, foi concedida aos índios no passado. Geograficamente, Almofala está situada nas proximidades litorâneas. A preferência desses povos pelas áreas costeiras justifica-se pela fartura de peixes, que facilitava a sobrevivências nessas áreas e pela habilidade deste povo na pesca de tubarões.

Atualmente a população indígena Tremembé ultrapassa a marca de 4.500 pessoas. Esses dados são provenientes da coleta de dados referente à população junto às comunidades indígenas. Nesse contexto, estes têm enfrentado diversas lutas, dentre as quais destacamos a mais pujante delas, que é a luta pela demarcação de suas terras. As suas origens estão expressas no seu modo de viver, através de manifestações culturais, como por exemplo, a dança do Torém.

CONFIDERAÇÕES FINAIS

Os índios Tremembé, em sua bravura resistiram à invasão colonizadora até quando foi possível. Atualmente este povo mesmo habitando em comunidades indígenas se misturam aos não-índios e em decorrência das ações promovidas no período do Governo de Marquês de Pombal perderam sua língua mãe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Raimundo Batista. **Índios do Ceará & Topônimos Indígenas**. São Paulo: Barraca do Escritor Cearense, 1994.

BORGES, Jóina Freitas. **Os senhores das dunas e os adventícios D'Além-Mar: primeiros contatos, tentativas de colonização e autonomia Tremembé na Costa-Leste-Oeste (séculos XVI e XVII)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010.

MESSEDER, Marcos Luciano Lopes. **Etnicidade e diálogo político: a emergência dos Tremembé**. Salvador, 1995. 161 págs. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

NASCIMENTO, Edileusa Santiago do. **Memória coletiva e identidade étnica dos Tremembé de Almofala: os índios da terra santa de ouro**. Belo Horizonte, 2001. 148 págs. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

PINHEIRO, Francisco José. **Mundos em confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território**. In: SOUZA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide ... [et al]. **Uma nova História do Ceará**. 3ª ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. p. 17-55.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. **O Dinheiro e o Território**. In: **GEOgraphia**. Ano 1. Nº 1, 1999. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/2/2>. Acesso em: 10.07.2012.